

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.763

Sábado, 23 de Agosto de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º e Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officina de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

Os inválidos da guerra foram ontem condenados à fome e à zombaria pelo general Vieira :-: :-: da Rocha :-: :-:

O ESPECTÁCULO IMORAL DAS TOURADAS

NÃO PODE SER ADMITIDO, NEM MESMO A PRETEXTO DE BENEFICÊNCIA

A Sociedade Protectora dos Animais aplaude e apoia a atitude da União dos Sindicatos Operários

A União dos Sindicatos Operários da Lisboa fez bem em chamar a atenção do povo para os infortúnios «humanitários» de alguns cavalheiros que pretendem restaurar em Portugal os touros de morte.

O operariado, por intermédio da sua imprensa, foi sempre bem claro no seu pensamento de repulsa pelas touradas. Nunca atacamos apenas a morte do touro—atacamos sempre em globo as touradas, quer nelas se exhibisse o assassinato do animal, quer esse cometimento bárbaro fosse apenas simulado. A tourada, mesmo como habitualmente se realiza no nosso país de «costumes brandos», não purifica sentimentos nem cultiva no espectador as suas qualidades de generosidade. Toda ela é atentatória dos mais elementares princípios de humanidade. Soltar-se um touro numa arena e picá-lo, martirizá-lo para gozo duma multidão ignorante, mesmo que não se remate essa barbaridade com outra barbaridade maior, a morte do touro, é condenável. Um povo civilizado, no verdadeiro sentido da palavra, isto é, um povo que

tivesse uma moral superior e não sofresse ainda da influência deletéria da educação jesuítica, não forneceria para semelhante espectáculo um único espectador.

Estamos ouvindo já os partidários das chacinhas dos touros preparando grandes argumentos para nos aterrar, para nos fazer calar. Se sois contra as touradas onde se martirizam e matam os touros porque não impedis que no matadouro se abatam as rézes que dão alimento ao povo?

Se bem que, apenas por uma corrupção do paladar, segundo alguns homens de ciência célebres, a humanidade se tivesse habituado a ingerir alimentos animais, não queremos nós chegar ao exagere de condenar o acto de se matarem animais para comer.

O que, porém, não podemos deixar de salientar é a grande diferença que há entre a morte do touro em espectáculo, perante milhares de pessoas, e a morte dos bois no matadouro, rápida e sem o carácter da exhibição pública.

O que há de mais condenável na tourada é a influência nefasta

que ela exerce sobre o público, sobre o povo.

A infância que assiste a uma tourada aprende a cultivar os mais revoltantes sentimentos de ódio, habita-se a desprezar a vida dos animais. Sabe-se que modernamente para despertar na criança os sentimentos de amor e de ternura se deve habituá-la a brincar com animais.

A convivência com os animais dá à criança uma noção mais perfeita da harmonia que deve existir entre todos os seres. Na tourada os pequenos entes, sem força de raciocínio que os preserve de más influências, aprendem a quebrar os laços de solidariedade e respeito pela vida que devem caracterizar as pessoas civilizadas. O sangue que corre, a dor de animais feridos cruelmente, tornam as crianças indiferentes pelo sofrimento alheio. Mais tarde adultos, podem dar bons revolucionários civis, admiráveis saltadores, ou melhores soldados da guarda republicana, capazes de fazer ao povo o que, em crianças, viram fazer aos touros.

Mas a influência nefasta das

touradas não se exerce apenas sobre as crianças. O povo, grande criança que se deixa arrastar pelos foguetes, pela música e pelo colorido das tardes calidas de tourada, também se corrompe pelo espectáculo. E aqueles que se dizem protectores e educadores do povo não devem concorrer, com esses espectáculos, para aumentar a desmoralização e o culto da crueldade que por aí campeia.

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa, que continua a ocupar-se desta momentosa questão, enviou como ontem dissemos uma circular a várias colectividades. Da Sociedade Protectora dos Animais recebeu já um penhorante officio apoiando a sua atitude.

Ontem a mesma União ocupando-se novamente do assunto aprovou por unanimidade a seguinte moção:

«O conselho de delegados da U. S. O. ao tomar conhecimento da pretensão de se realizarem touradas com touros de morte resolve protestar contra esse facto e não abandonar esta magna questão sem que as touradas sejam completamente abolidas.»

A Sociedade Protectora dos Animais enviou ao jornal *A Tarde* uma carta que aquele diário não publicou, motivo por que lhe damos guarida nas nossas colunas: «Exm.º Sr. Jorge de Abreu, Dign.º Proprietário e Director de *A Tarde*.—Queirav, ex.º perdoar a ousadia de virmos tirar-lhe um cantinho do seu mui lido e conceituado jornal, para que a Sociedade Protectora dos Animais, diga de sua justiça em resposta ao artigo «Touros de morte» publicado no seu número de ontem:

Começa esse artigo por tecer calorosos elogios a s. ex.º o sr. Governador Civil de Lisboa, pondo em destaque as suas qualidades de carácter e trabalho e ainda os serviços prestados em benefício da pobreza e casas de beneficência. Também esta Sociedade reconhece a s. ex.º essas boas qualidades que muito louva, e associa-se sempre a todas as manifestações de aplauso a alguém que pelos seus gestos se tornam merecedores da admiração do público, não regateando o seu modesto e desinteressado consórcio quando este lhe é pedido.

Temos pelo exm.º sr. dr. Filipe Mendes a mais alta consideração e respeito e não podemos deixar de confessar que tem sido sempre duma amabilidade e de uma torção para com esta Sociedade, favor que muito reconhecidamente agradecemos.

Porém o caso presente muda em absoluto de figura.

«Não é verdade que a Sociedade Protectora tenha dito que não se oporia a

uma lide de touros em hastes limpas». Nem uma só palavra foi trocada com s. ex.º neste ou outro sentido. Isto é sem dúvida, má interpretação dada a uma simples e casual troca de palavras, quando na passada quinta-feira, falando-se na possibilidade de levar a efeito uma tourada de beneficência organizada por s. ex.º o sr. Governador Civil, seria ou não permitida a lide em hastes limpas, desde que não houvesse touro a cavalo, pegas nem a sorte de morte etc.

A isto, limitou-se a dizer o signatário da presente, que a lei o não permitia, porém havia precedentes diversos que a pesar de lamentáveis e dos protestos apresentados, as autoridades os haviam consentido. Como v. ex.º vê isto é bem diferente. Nem foi uma pergunta feita à Sociedade nem uma resposta dada pela Sociedade.

Sabe o público muito bem que não é a Sociedade Protectora quem faz ou dá leis ao país, também não é a Sociedade Protectora quem proíbe ou consente estes ou outros espectáculos. Infelizmente neste sentido, a Sociedade tem que limitar a sua acção a solicitar das autoridades o cumprimento da lei.

Como é então que se vem dizer que a Sociedade proíbe, levanta dificuldades, consente etc. etc.?

Isto é uma injustiça, é uma calúnia levantada à Sociedade Protectora dos Animais com o fim de estorvar a sua acção. Não queremos acreditar, que o dr. sr. Filipe Mendes possa alimentar a esperança de conseguir levar a efeito semelhante espectáculo com o consentimento ou benevolência desta Sociedade.

Repetimos que não acreditamos, porque s. ex.º tem revelado no desempenho do seu lugar, uma inteligência, honestidade e inteireza de carácter tais, que não se permitiria a procurar esta Sociedade, para conseguir um espectáculo, que a Sociedade Protectora lhe pede para que, na sua qualidade de governador civil, proíba sempre que esteja fora de lei.

Que sendo s. ex.º correctíssimo em todos os seus actos, teria o receio muito natural de nos melindrar com semelhante pedido.

Não, não acreditamos. Nem s. ex.º proíbe a uns e organiza para outros, nem a Sociedade Protectora dos Animais é benevolente ou fecha os seus olhos a quem queira que seja permitindo assim que a lei que serviu de base à sua fundação seja alterada, ao contrário, precisa de estar sempre em situação de poder levantar o seu protesto, e só assim podemos mostrar a todos o quanto somos justos e correctos.

Agradecemos muito reconhecidamente a v. ex.º a subida fineza de publicar esta nossa carta, aproveitamos o ensejo para nos subscrevermos com a máxima consideração e estima.

De v. ex.º, etc., Pela Direcção e Presidente Carlos Esteves.

Do camarada Gonçalves Correia recebemos uma vibrante carta de aplauso à atitude de *A Batalha* e da U. S. O. e de incitamento a que toda a gente de bem se insurja contra a ressurreição do barbarismo.

COMÉRCIO COM A FRANÇA

Que os operários das indústrias concorrentes no mercado nacional com as indústrias estrangeiras de importação se conservem atentos aos maneios do governo neste momento e do seu representante em Paris. Para se salvarem grandes depositários de vinhos licorosos, que têm fortunas acumuladas em álcool, pretende-se arrancar à França a permissão de entrada dos vinhos do Douro com um imposto alfandegário baixo, dando-se em troca aos industriais franceses a garantia de introduzirem as suas mercadorias quasi sem pagamento de direitos. Dentro do critério patista do governo cabe isto: proteger os vinhos embora à custa da completa ruína das indústrias.

Entendamo-nos claramente sobre o assunto. Evidentemente que, dentro dos nossos princípios de liberdade, nós desejariamos que todas as fronteiras fossem livres, que a iniciativa industrial de qualquer país não tivesse a estancella qualquer espécie de restrições que os direitos fossem abolidos em toda a parte. A fronteira alfandegária é para nós uma absurda como a fronteira política e a fronteira militar. A terra é de todos e a distinção de patrias é puramente arbitrária.

Mas desde que à indústria dum país os outros impõem restrições, aquele vê-se obrigado a adaptar-se ao mesmo sistema e por mais sincera que seja a nossa aspiração de internacionalismo integral trocamos fatalmente com o facto evidente dessas restrições. Desde que elas estão em prática e que o país onde vivemos as usa, temos incontestavelmente todo o interesse em averiguar a forma porque elas estão sendo feitas.

Ora a triste, a dolorosa verdade é esta: pretende-se estabelecer no acôrdo comercial com a França uma taxa de impostos para as mercadorias francesas muito inferior à taxa mínima a aplicar às nações com tratamento de mais favorecidas, isto no momento em que o que seria lógico era actualisar essa taxa mínima que, pela desvalorização da moeda, desce a uma importância ridicula. Em troca de que se davam todas estas vantagens? Pelo consentimento da entrada dos chamados vinhos do Douro em França, com uma taxa de imposto suportável.

Prejudicar-se-iam assim várias indústrias áteas que ocupam muitas centenas de milhar de operários, provocando crises de trabalho, a miséria em tantos lares para favorecer alguns vinhateiros e sobretudo os preparadores dos vinhos licorosos e também de ver-

dadeiras potreias, pois que a falsificação dos vinhos do Porto não é feita apenas no estrangeiro. Trata-se duma protecção ao alcoolismo ou à falsificação e duma descoberta hostilidade contra as indústrias honestas.

E quem pretende fazer isto? Por ventura algum governo que tivesse pelas suas medidas de fomento, impulsionado a indústria colocando-a em condições de poder concorrer com vantagem com a indústria estrangeira? De modo nenhum. Todos nós sabemos o atraso em que se tem mantido a nossa industria, por falta de fomento e também, não deixa de se dizer, por falta de iniciativa e de espírito progressivo do patronato que conserva o seu maquinismo antiquado, origem de tantos acidentes de trabalho e dum rendimento incomparavelmente menor do que o das indústrias lá de fora.

Não podemos deixar de nos precaver contra o perigo que se anuncia. E isto porque nós sabemos muito bem que o patronato em vez de se defender, aperfeiçoando a sua maquinaria para baratear a produção, não sabe, no seu espírito de rotina, barateá-la doutra forma do que recorrendo à baixa do salário.

Os operários estão, pois, necessariamente interessados em observar desconfiadamente o que se está fazendo no Ministério dos Negócios Estrangeiros, pois estando em jogo os interesses dos industriais estão também os seus. O industrial se não tiver outro recurso fecha a porta e vai viver do que apurar; o operário esse terá de suportar, ele só, as consequências da pavorosa crise que neste momento podem estar preparando o sr. ministro dos Estrangeiros. Ali nas Necessidades e o sr. António Fonseca em Paris. Que todos estejam, pois, de sobrevivo.

O vespeiro marroquino

Os espanhóis combatem e morrem TANGER, 22. — Tem havido novos combates na zona espanhola do protectorado. A coluna comandada pelo general Riquelme entrou em acção com grande número de Beni-Hassan e Beni Saïd que dispunham de grandes de mão e de alguns canhões. Houve bastantes baixas de parte a parte. A coluna do general Riquelme é a sua maioria composta de auxiliares marroquinos e tropas da legião estrangeira. Também houve recantos em Nor-Hor, tendo as forças espanholas avançado até Loma Verde, tendo lançado fogo a várias povoações. Partiu uma coluna para reforçar os postos avançados. Os aeroplanos têm feito serviço de observação e de lançamento de bombas.

FECHOU O PARLAMENTO

mas a podridão da sociedade burguesa continua na sua sinistra normalidade

Fechou o parlamento. Durante quatro meses deixa de se ouvir em São Bento aquela algaraviada de preto que se dispersa para as terras da provincia onde os parlamentares vão descansar da sua actividade.

Uma expressão de alívio verifica-se na maioria das pessoas, enquanto outras se nota a mesma fisionomia sempre indiferente que ele fecha, quer ele funcione. Deixou de funcionar o parlamento. Mas o escândalo, que é seu apêndice, persiste porque os estômagos dos políticos estão cada vez mais vorazes e a sensibilidade do povo cada vez mais embotada.

O artigo de critica ao parlamento, isto é, à sessão legislativa que acabou, está feita por sua natureza. Bastaria folhear a colecção do jornal, arrancar-lhe o artigo com o que verberamos no ano de 1923, modificá-lo ligeiramente e publicá-lo. Ficava perfeito, applicava-se excelentemente à sessão legislativa que acabou. De facto, o parlamento, de ano para ano, não muda senão de nome, produziram-se os mesmos escândalos, as mesmas immoralidades, os mesmos abusos, a mesma chicana, os mesmos insultos e a mesma falta de número continua.

Apenas haveria, a destacar, uma diferença. É que o parlamento que acabou em 1923 era um pouco melhor do que acabou este ano. Por uma razão: é que o parlamento é progressivo. Progrediu em descrédito, em inferioridade mental e em desvergonha.

O parlamento está condenado, é já um anacronismo, berra-se, e com razão, de todos os lados. Os que dele não são partidários, quando o discutem e condenam usam dum pessimismo violento mas justo. Os próprios parlamentares, quando em família o julgam, são dum scepticismo irreverentissimo. E como se dissessem:

«Realmente, o país tem razão. Nós somos muitíssimo burros, muitíssimo estúpidos e muitíssimo desonestos.»

Os raros defensores do parlamentarismo, entre os quais se conta o antiquado e lírico sr. Mayer Garçon, defendem-no sem grande convicção, com vagos e ressequidos argumentos, timidamente balbuciosos. Porém, os que o atacam dentro do critério burguês, ficam perplexos numa indecisão de que nunca mais saem. É que a única solução, o argumento da ditadura não colhe. Todos os partidários da ditadura não ousam, quando a realizam, reconhecer que ela pode subsistir como modo normal, cotidiano de governar. Reconhecem e até publicamente, que as ditaduras só provisoriamente podem viver. E o que eles não dizem afirmam a história, com centenas de exemplos de que uma ditadura quan-

do não acaba em lama finalisa em sangue. Isto quando não acabam simultaneamente em lama e sangue, que é mais frequente.

Não há dentro da sociedade burguesa nenhuma espécie de solução para os problemas de maior importância para a sua vitalidade.

Quando ao famoso recurso da ditadura quasi nem vale mexer-lhe tam fácil é a sua pulverização. Não há maneira de sair deste círculo vicioso: as ditaduras conduzem à democracia e as democracias vão parar inevitavelmente às ditaduras. É impossível sair-se desta espécie de fatalismo político.

A história contemporânea lornece, mesmo nestes últimos anos, bastantes exemplos. No tempo da monarchia saíu-se do constitucionalismo para a ditadura de João Franco. Por sua vez essa ditadura conduziu à queda da monarchia, à implantação da república.

A ditadura de Sidónio Pais, com a sua forte militaridade, o seu clericalismo ousado, o seu monarchismo atrevido, morreu em Monsanto, em 48 horas, às mãos energicas dum povo quasi desarmado.

Regressou-se novamente ao parlamentarismo, à chamada feição democrática.

Na vizinha Espanha poderiam ir arrancar-se bastantes exemplos. O último foi o mesmo brevemente com a queda já iniciada de Primo de Rivera.

Não é portanto o parlamento que está podre, mas sim a sociedade burguesa. Uma sociedade assim tudo contamina, a sua podridão em todos os seus órgãos fatalmente se repercute.

Fechou o parlamento? Decerto. Mas não cessou a podridão. É que o parlamento representa a sociedade burguesa e esta é o que nós vemos e, o que é pior, o que nós sofremos...

A policia agressora

Temo-nos referido à maneira provocadora como procede a policia da esquadra dos Terramotos que não consente que alguém estacione na Meia Laranja ou outros pontos limitrofes, agredindo as pessoas que encontra.

Desde domingo que as perseguições a toda a gente são mais frequentes, a pretexto de ter sido arremessada uma bomba contra dois policias.

A policia, das 21 horas em diante, faz serviço de carabina e pessoas que por qualquer motivo esteja parada é imediatamente agredida. Ainda há dias foi vítima duma agressão um individuo aleijado, pelo facto de estacionar próximo da Meia Laranja. Nos bancos que estão neste local tam ninguém pode descansar, porque os mandadores da ordem não permitem que qualquer pessoa tome ali um pouco de ar.

Ao mesmo tempo que agredem os que lhes caem debaixo das garras, os policias vão ameaçando: — «Ou vocês dão cabo de nós, ou nós damos cabo de vocês».

Afirmam-se até que a policia da esquadra dos Terramotos tem ordens superiores para não «poupar ninguém». É, pois, perigoso, passar-se naquella área durante a noite e, como toda a gente sabe, aquele bairro é muito populoso e bastantes criaturas, devido às suas condições de trabalho, só podem recolher a casa muito tarde.

Neste regime de terror é que não pode continuar a viver a população daquelles sitios.

Trabalhadores:

Contribui com o lescudo!

A Voz do Operário

Um grupo de sócios auxiliares convida todos os sócios, tanto efectivos como auxiliares desta collectividade, a comparecerem no próximo dia 27 do corrente, pelas 21 horas, na sede do Centro Republicano Radical, rua da Voz do Operário, 64 (teatro Gil Vicente), a fim de ser apreciada a situação desta collectividade em face dos escândalos e atropellos ali cometidos e que deram motivo à nomeação da comissão de sindicância nomeada por despacho do ministro do Trabalho, e motivada por seu turno em resultado da comissão de inquérito que fôra nomeada pelo governador civil.

Grande festa pró "A Batalha"

Todo o operariado deve assistir à grandiosa festa que, com o patrocínio do Sindicato dos Impressores Tipográficos, se realiza hoje, às 21 horas, no Salão de Festas da Construção Civil, e que por certo deve resultar uma grandiosa manifestação de solidariedade para com o órgão dos trabalhadores.

O programa é magnifico e deve constituir um grande successo.

Os convites que restam, distribuem-se na administração deste jornal.

O ministro da guerra

resolveu prolongar a fome dos inválidos

Os inválidos de guerra vem de há muito insistindo junto da indifferença hostil dos governos e dos parlamentares que as suas reclamações tam justas, quanto modestas, sejam atendidas antes de terem morrido de fome.

A attitude dos governos e parlamentares parece ter por objectivo adiar a questão até os inválidos falecerem. Naturalmente, consideram que deixá-los morrer de fome é uma excelente maneira de resolver o assunto. Os mortos não têm nenhuma das necessidades dos vivos. E a nenhum ministro ou deputado consta de mortos que apparecessem pelos ministérios ou pelos Passos Perdidos de São Bento a fazer reclamações fundamentadas ou não na carestia da vida. Porém, os inválidos é que se não resignam à miséria e exigem, e com todo o direito, do Estado que os mutilou, do Estado que os mandou para a guerra e lhes criou, portanto uma situação em que todas as alegrias da vida lhe estão vedadas, uma indemnização. Antes de serem incorporados no exército, tinham saúde, forças, todos os requisitos indispensáveis para trabalhar. A guerra devolveu-os mutilados, isto é, sem saúde, sem forças, sem nenhum dos requisitos indispensáveis para agenciá-la vida. Tinham, portanto o direito de reclamar do Estado que, pelo menos, os collocasse ao abrigo da miséria. Este direito é tam justo que o Estado reconheceu-o com grande alarido e grande numero de disposições legais.

Contudo, a pesar do Estado lhes ter reconhecido esse direito, eles continuaram na miséria a que as suas doenças e mutilações os relegaram.

Já aqui por várias vezes, nos temos referido à sua odisseia. Ultimamente, ainda anotámos e em frases veementes, a indifferença do Parlamento e o justo e indignado protesto dos inválidos. Ontem uma comissão de inválidos foi procurar o ministro da Guerra para lhe pedir que fosse applicada a melhoria a sua situação económica, a verba de 1200 contos votada pelo Parlamento para esse efeito.

Ao fim de três longas e enervantes horas de espera foram recebidos pelo ministro que é o general Vieira da Rocha. Este, depois de várias evasivas, negou-se a atendê-los, limitando-se a promessas, a quem tinha urgência em ser concretamente atendido.

Não se limitou o sr. ministro da Guerra à crueldade de prolongar a miséria dos inválidos. Foi mais

longe—e mais cruel. Permittiu-se zombar da sua angustiosa situação.

Interrogando um inválido sobre a causa da sua invalidação, depois de ouvir dele a declaração de que era tuberculoso, obtemperou-lhe: — «E' tuberculoso? Então porque não vai para a Serra da Estrela?»

Retorquiu-lhe o mutilado que não ia por falta de meios.

O general Vieira da Rocha não se deu por convencido, e intemperadamente, replicou-lhe:

— «Não tem meios? Ora, ora... Os cabreiros tamém não têm meios e vivem na Serra da Estrela. Você podia fazer o mesmo».

Esqueceu-se o valente guerreiro de que na Serra da Estrela tamém vivem medidos e que estes não têm meios. Porisso vivem de fome.

Para outro que não tinha um braço o general descobriu-lhe um grande numero de profissões, para as quais até servia de vantagem ser mutilado.

Começando por descobrir que isto de tuberculoso equivale a possuir uma saúde de ferro e uma energia estupenda, que de não ter braços ou pernas só vantagens dá para ganhar a vida, foi-lhe fácil concluir a inexistência dos inválidos e a inexistência da invalidação.

Pela inventiva do comandante da G. N. R., feito ministro da guerra, todos os inválidos podem trabalhar, toda a invalidação torna um homem válido.

Por exemplo: um inválido cego, dá um excelente fotógrafo; um tuberculoso, dá um possante descarregador; um que seja privado de pernas, pode tornar-se boteleiro; se não tiver braços, pode ser um ferroviário, um destes guardas da linha que agita a bandeira aos combóios ou um *chauffeur*; um surdo, músico da banda da guarda; um mudo, tenor de opereta, etc., etc.

O general sr. Vieira da Rocha é o que se chama uma pessoa divertida. Realmente, não há nada que mais o possa alegrar que zombar da miséria—da miséria que é uma acusação terrível, dessa miséria que revela o banditismo dos patriotas, a estupidez dos militaristas, o cinismo dos políticos e o egoismo dos capitalistas.

Ah! se os generais, os ministros e os capitalistas, nas guerras, marchassem nas primeiras filas, não eram, por certo, os soldados que ficavam condenados a miséria, a invalidação e a morte!

Trabalhadores: Lede a BATALHA

Teatro Nacional

HOJE HOJE

O BELO DRAMA

O Amor de Perdição

Preços reduzidos. — Platea: 4\$40, 5\$60, 9\$50 e 12\$00. Camarotes: 20\$00, 35\$00 e 50\$00. Galeria: 3\$40.

III Congresso Marítimo A crise gráfica

Três sessões de propaganda EM FARO

FARO, 20. — Realizou-se na Casa dos Trabalhadores desta cidade uma sessão de propaganda do III congresso marítimo, à qual assistiram representantes da U. S. O. e da Delegação Confederal.

A sala encontrava-se repleta de marítimos. Usaram da palavra, além dos delegados vindos de Lisboa, vários oradores que pronunciaram entusiásticos discursos de propaganda sindical e de propaganda do III Congresso.

Foram também versados vários assuntos de interesse para os marítimos desta localidade.

No final foi votada a adesão ao Congresso, tendo sido nomeado delegado o secretário geral, Manuel José Marvão.

A sessão terminou no meio de grande entusiasmo, tendo sido solitados muitos votos à Federação Marítima, C. G. T. e Batalha.

EM PORTIMÃO

PORTIMÃO, 20. — Realizou-se aqui uma sessão de propaganda do III Congresso marítimo, com grande assistência, tendo comparecido todos os fragmentos desta vila.

Usaram da palavra os delegados que andam em propaganda do congresso que acentuaram bem nos seus discursos a importância que tem essa magna reunião de toda a classe marítima do país.

O nosso camarada José Buizel pronunciou um longo e vibrante discurso de propaganda sindical, incitando os marítimos desta localidade a aderirem ao Congresso Marítimo.

O seu discurso causou uma profunda impressão entre os presentes, tendo sido muito aplaudido.

No final foi deliberado dar a adesão ao congresso, tendo sido nomeado delegado, o camarada Manuel Pedro.

No dia seguinte efectuou-se uma reunião de estivadores que não eram aderentes à Federação Marítima.

Os delegados que andam em propaganda fizeram vibrantes apelos aos estivadores para que aderissem à Federação e dessem a adesão ao congresso.

O nosso camarada José Buizel pronunciou uma brilhante alocução, defendendo com raro brilho e eloquência a causa do proletariado.

Terminou por um vibrante apelo aos estivadores para que estes se integrassem na organização marítima e aderissem ao congresso.

No final foi aprovada a adesão ao congresso e a Federação Marítima, tendo sido nomeado delegado António Carmo.

A situação dos presos

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Ontem novamente este Secretariado se avistou com o sr. Madeira, director da P. S. E., sobre a situação de Rodolfo Marques da Costa, jornalista; José Urbano de Paiva, pintor e Joaquim Rodrigues, carpinteiro, que foram expulsos do Brasil e se encontram no imundo calabouço 6, do Governo Civil.

O referido director da P. S. E. disse que ia tratar do caso e possivelmente iam ser postos em liberdade o que efectivamente se verificou, pois às 18 horas, foram soltos aqueles trabalhadores, que, apesar de no Brasil o regime ser republicano, não deixa de ser um regime verdadeiramente reaccionário ao máximo e assim eles foram dali remetidos para a república portuguesa.

Também este Secretariado entregou ao dr. sr. Pessanha das Neves, chefe do gabinete do ministro da Justiça, uma demonstração de como se estão fazendo os registos de casamento em Estremoz onde se exige o pagamento da cédula pessoal, quando está suspensa em todo o país, sendo esse documento feito conforme no-lo tinha comunicado há dias o ministro da Justiça.

Também foi ali entregue um requerimento do preso entregue ao governo, José António Pereira.

Sobre a situação do operário caateiro Augusto Vitor, continua detido à ordem da Investigação.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Seção Mista do Beato e Olivais. — Para assuntos que se prendem com a vida da Seção e 20 horas, as comissões executiva e de propaganda, devendo também comparecer os cobradores.

Seção metalúrgica. — Reuniu a comissão executiva que tratou de vários assuntos internos e resolveu convocar a assembleia para sexta-feira, 29 do corrente.

Uma reunião das direcções dos respectivos sindicatos

A semelhança do que se observa nas outras indústrias, na grafia manifesta-se uma crise que dia a dia se acentua.

Alguns jornais que suspenderam a sua publicação, devido a manobras dos mentores da chamada opinião pública, outros que em breve suspendem, a crise de trabalho nas casas de obras e a constante convergência de colegas vindos do Porto e outras localidades, supondo encontrar em Lisboa melhores proventos, colocaram a classe gráfica numa situação crítica que, a prolongar-se, trará resultados funestos. São contingências da organização social vigente e é para obviar a elas que principalmente existem os sindicatos.

A Federação do Livro e do Jornal, na última reunião do seu conselho, ponderou a questão e resolveu convocar as direcções dos sindicatos gráficos a uma reunião, que ontem se efectuou, com a participação de representantes dos compositores, impressores e encadernadores.

Nela foi resolvido encetar trabalhos tendentes a atenuar a crise, trabalhos cujo texto se encontra bom, e convidar os colegas compositores, impressores e encadernadores que se encontram desempregados ou que não trabalham dias completos por determinação dos respectivos patrões, a procurarem as direcções dos seus sindicatos a fim de se inscreverem no boletim que para esse efeito deve estar patente.

Para que a comissão nomeada na reunião das direcções possa levar a bom termo os seus trabalhos, é necessário que a inserção das vítimas da crise de trabalho se faça com muita brevidade; de contrário, poderão observar-se deficiências de que a comissão declina a responsabilidade.

A Associação dos Pescadores de Lisboa, em reunião de assembleia geral, em virtude de estar na capital uma comissão espanhola para estudar um convénio de pesca entre os dois países, resolveu protestar energicamente contra quaisquer resoluções da parte dessa comissão que possam prejudicar os interesses dos pescadores portugueses, e ao mesmo tempo deliberou acompanhar o assunto não descurando a sua gravidade, avisando desde já todos os pescadores que estão na disposição de ir até onde seja necessário para a defesa dos seus interesses.

Pela mesma razão enviou esta Associação no dia 13 do corrente uma comissão a entrevistar-se com o ministro da marinha a qual foi portadora da seguinte mensagem:

«Ex.º Sr. Ministro da Marinha: A Associação de Classe dos Pescadores de Lisboa, tendo conhecimento da chegada de delegados espanhóis que vêm com a missão de estudar um convénio de pesca entre os dois países, convénio que considera prejudicial aos interesses nacionais e ao mesmo tempo traria consigo a ruína da classe dos pescadores, que é bastante considerável, como também a das indústrias suas dependentes, reúne para apreciar de perto o assunto e resolveu enviar uma comissão que é portadora deste afim de se entrevistar com V. Ex.º para lhe participar o desejo de ser ouvida sobre o assunto que julga do máximo interesse dos pescadores».

A questão da pesca

A Associação dos Pescadores de Lisboa, em reunião de assembleia geral, em virtude de estar na capital uma comissão espanhola para estudar um convénio de pesca entre os dois países, resolveu protestar energicamente contra quaisquer resoluções da parte dessa comissão que possam prejudicar os interesses dos pescadores portugueses, e ao mesmo tempo deliberou acompanhar o assunto não descurando a sua gravidade, avisando desde já todos os pescadores que estão na disposição de ir até onde seja necessário para a defesa dos seus interesses.

Pela mesma razão enviou esta Associação no dia 13 do corrente uma comissão a entrevistar-se com o ministro da marinha a qual foi portadora da seguinte mensagem:

«Ex.º Sr. Ministro da Marinha: A Associação de Classe dos Pescadores de Lisboa, tendo conhecimento da chegada de delegados espanhóis que vêm com a missão de estudar um convénio de pesca entre os dois países, convénio que considera prejudicial aos interesses nacionais e ao mesmo tempo traria consigo a ruína da classe dos pescadores, que é bastante considerável, como também a das indústrias suas dependentes, reúne para apreciar de perto o assunto e resolveu enviar uma comissão que é portadora deste afim de se entrevistar com V. Ex.º para lhe participar o desejo de ser ouvida sobre o assunto que julga do máximo interesse dos pescadores».

Pela mesma razão enviou esta Associação no dia 13 do corrente uma comissão a entrevistar-se com o ministro da marinha a qual foi portadora da seguinte mensagem:

«Ex.º Sr. Ministro da Marinha: A Associação de Classe dos Pescadores de Lisboa, tendo conhecimento da chegada de delegados espanhóis que vêm com a missão de estudar um convénio de pesca entre os dois países, convénio que considera prejudicial aos interesses nacionais e ao mesmo tempo traria consigo a ruína da classe dos pescadores, que é bastante considerável, como também a das indústrias suas dependentes, reúne para apreciar de perto o assunto e resolveu enviar uma comissão que é portadora deste afim de se entrevistar com V. Ex.º para lhe participar o desejo de ser ouvida sobre o assunto que julga do máximo interesse dos pescadores».

Pela mesma razão enviou esta Associação no dia 13 do corrente uma comissão a entrevistar-se com o ministro da marinha a qual foi portadora da seguinte mensagem:

«Ex.º Sr. Ministro da Marinha: A Associação de Classe dos Pescadores de Lisboa, tendo conhecimento da chegada de delegados espanhóis que vêm com a missão de estudar um convénio de pesca entre os dois países, convénio que considera prejudicial aos interesses nacionais e ao mesmo tempo traria consigo a ruína da classe dos pescadores, que é bastante considerável, como também a das indústrias suas dependentes, reúne para apreciar de perto o assunto e resolveu enviar uma comissão que é portadora deste afim de se entrevistar com V. Ex.º para lhe participar o desejo de ser ouvida sobre o assunto que julga do máximo interesse dos pescadores».

Pela mesma razão enviou esta Associação no dia 13 do corrente uma comissão a entrevistar-se com o ministro da marinha a qual foi portadora da seguinte mensagem:

«Ex.º Sr. Ministro da Marinha: A Associação de Classe dos Pescadores de Lisboa, tendo conhecimento da chegada de delegados espanhóis que vêm com a missão de estudar um convénio de pesca entre os dois países, convénio que considera prejudicial aos interesses nacionais e ao mesmo tempo traria consigo a ruína da classe dos pescadores, que é bastante considerável, como também a das indústrias suas dependentes, reúne para apreciar de perto o assunto e resolveu enviar uma comissão que é portadora deste afim de se entrevistar com V. Ex.º para lhe participar o desejo de ser ouvida sobre o assunto que julga do máximo interesse dos pescadores».

Pela mesma razão enviou esta Associação no dia 13 do corrente uma comissão a entrevistar-se com o ministro da marinha a qual foi portadora da seguinte mensagem:

«Ex.º Sr. Ministro da Marinha: A Associação de Classe dos Pescadores de Lisboa, tendo conhecimento da chegada de delegados espanhóis que vêm com a missão de estudar um convénio de pesca entre os dois países, convénio que considera prejudicial aos interesses nacionais e ao mesmo tempo traria consigo a ruína da classe dos pescadores, que é bastante considerável, como também a das indústrias suas dependentes, reúne para apreciar de perto o assunto e resolveu enviar uma comissão que é portadora deste afim de se entrevistar com V. Ex.º para lhe participar o desejo de ser ouvida sobre o assunto que julga do máximo interesse dos pescadores».

Pela mesma razão enviou esta Associação no dia 13 do corrente uma comissão a entrevistar-se com o ministro da marinha a qual foi portadora da seguinte mensagem:

«Ex.º Sr. Ministro da Marinha: A Associação de Classe dos Pescadores de Lisboa, tendo conhecimento da chegada de delegados espanhóis que vêm com a missão de estudar um convénio de pesca entre os dois países, convénio que considera prejudicial aos interesses nacionais e ao mesmo tempo traria consigo a ruína da classe dos pescadores, que é bastante considerável, como também a das indústrias suas dependentes, reúne para apreciar de perto o assunto e resolveu enviar uma comissão que é portadora deste afim de se entrevistar com V. Ex.º para lhe participar o desejo de ser ouvida sobre o assunto que julga do máximo interesse dos pescadores».

Pela mesma razão enviou esta Associação no dia 13 do corrente uma comissão a entrevistar-se com o ministro da marinha a qual foi portadora da seguinte mensagem:

«Ex.º Sr. Ministro da Marinha: A Associação de Classe dos Pescadores de Lisboa, tendo conhecimento da chegada de delegados espanhóis que vêm com a missão de estudar um convénio de pesca entre os dois países, convénio que considera prejudicial aos interesses nacionais e ao mesmo tempo traria consigo a ruína da classe dos pescadores, que é bastante considerável, como também a das indústrias suas dependentes, reúne para apreciar de perto o assunto e resolveu enviar uma comissão que é portadora deste afim de se entrevistar com V. Ex.º para lhe participar o desejo de ser ouvida sobre o assunto que julga do máximo interesse dos pescadores».

Pela mesma razão enviou esta Associação no dia 13 do corrente uma comissão a entrevistar-se com o ministro da marinha a qual foi portadora da seguinte mensagem:

«Ex.º Sr. Ministro da Marinha: A Associação de Classe dos Pescadores de Lisboa, tendo conhecimento da chegada de delegados espanhóis que vêm com a missão de estudar um convénio de pesca entre os dois países, convénio que considera prejudicial aos interesses nacionais e ao mesmo tempo traria consigo a ruína da classe dos pescadores, que é bastante considerável, como também a das indústrias suas dependentes, reúne para apreciar de perto o assunto e resolveu enviar uma comissão que é portadora deste afim de se entrevistar com V. Ex.º para lhe participar o desejo de ser ouvida sobre o assunto que julga do máximo interesse dos pescadores».

Pela mesma razão enviou esta Associação no dia 13 do corrente uma comissão a entrevistar-se com o ministro da marinha a qual foi portadora da seguinte mensagem:

«Ex.º Sr. Ministro da Marinha: A Associação de Classe dos Pescadores de Lisboa, tendo conhecimento da chegada de delegados espanhóis que vêm com a missão de estudar um convénio de pesca entre os dois países, convénio que considera prejudicial aos interesses nacionais e ao mesmo tempo traria consigo a ruína da classe dos pescadores, que é bastante considerável, como também a das indústrias suas dependentes, reúne para apreciar de perto o assunto e resolveu enviar uma comissão que é portadora deste afim de se entrevistar com V. Ex.º para lhe participar o desejo de ser ouvida sobre o assunto que julga do máximo interesse dos pescadores».

Pela mesma razão enviou esta Associação no dia 13 do corrente uma comissão a entrevistar-se com o ministro da marinha a qual foi portadora da seguinte mensagem:

«Ex.º Sr. Ministro da Marinha: A Associação de Classe dos Pescadores de Lisboa, tendo conhecimento da chegada de delegados espanhóis que vêm com a missão de estudar um convénio de pesca entre os dois países, convénio que considera prejudicial aos interesses nacionais e ao mesmo tempo traria consigo a ruína da classe dos pescadores, que é bastante considerável, como também a das indústrias suas dependentes, reúne para apreciar de perto o assunto e resolveu enviar uma comissão que é portadora deste afim de se entrevistar com V. Ex.º para lhe participar o desejo de ser ouvida sobre o assunto que julga do máximo interesse dos pescadores».

Pela mesma razão enviou esta Associação no dia 13 do corrente uma comissão a entrevistar-se com o ministro da marinha a qual foi portadora da seguinte mensagem:

«Ex.º Sr. Ministro da Marinha: A Associação de Classe dos Pescadores de Lisboa, tendo conhecimento da chegada de delegados espanhóis que vêm com a missão de estudar um convénio de pesca entre os dois países, convénio que considera prejudicial aos interesses nacionais e ao mesmo tempo traria consigo a ruína da classe dos pescadores, que é bastante considerável, como também a das indústrias suas dependentes, reúne para apreciar de perto o assunto e resolveu enviar uma comissão que é portadora deste afim de se entrevistar com V. Ex.º para lhe participar o desejo de ser ouvida sobre o assunto que julga do máximo interesse dos pescadores».

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil. — Reuniu o conselho federal na passada terça-feira, tendo sido apreciado diverso expediente, entre o qual um ofício da Internacional dos Trabalhadores da C. Civil acompanhado de desenvolvimento de trabalho de estatística sobre a organização das federações congêneres de diversos países da Europa, sendo resolvido baixar ao secretário de relações internacionais desta Federação.

Foi apreciado um ofício do Sindicato da Horta, Faial (Açores), sendo resolvido entrevistar o ministro do comércio de forma a evitar-se a pretensão de alguns industriais em introduzirem no arquipélago madeiras trabalhadas importadas do estrangeiro, o que iria concorrer para uma grande crise de trabalho nas referidas ilhas.

Foi apreciado o estado de desorganização em que se encontra o sindicato de Beja, sendo resolvido procurar-se detalhadas informações afim de habilitar esta Federação a tomar providências.

Foi acreditado Carlos Maria Coelho como delegado ao Conselho Federal pelo Sindicato da Construção Civil do Porto, e apreciado um ofício do Sindicato de Cascais aceitando a substituição do camarada acima mencionado por João Gomes para seu delegado ao conselho.

Pelo conselho foram apreciadas as resoluções do Congresso tomadas em harmonia com a tese «Sindicatos Unidos de Indústria e Levantamento moral da classe», sendo nomeada uma comissão que ficou com o encargo de elaborar um regulamento para os sindicatos e suas seções, e um parecer sobre métodos de propaganda a adoptar de maneira a tirar-se da mesma o máximo do aproveitamento para a nossa organização de indústria.

Por último foi apreciado o original de um manifesto editado por esta Federação, a pedido da Federação Nacional des Travailleurs de l'Industrie du Bâtiment de France e des Colonies, dirigido aos operários da construção civil portugueses que se encontram trabalhando em terras de França.

União Textil. — Na última reunião da direcção foi apreciado um ofício da Seção de Federações da C. G. T., para que este organismo nomeasse um componente da classe para fazer parte da comissão organizadora da conferência têxtil para criar a respectiva Federação, sendo nomeado o camarada Jerónimo Jorge.

Resolveu instar com o camarada nomeado na reunião conjunta das direcções deste organismo e dos Tecidos de Seda para elaborar os Estatutos do Sindicato Único, a que se dessempeño do seu encargo o mais depressa possível.

Despachou vários expedientes de carácter interno e resolveu mais, que na próxima reunião seja devidamente apreciada a situação da direcção em face de alguns dos seus membros nunca comparecerem às suas reuniões.

Compositores tipográficos. — Reuniu a direcção, tendo dado despacho a vários expedientes e trocado impressões acerca de várias questões sobre a forma irregular com que a cobradora procedia à respectiva cobrança de cotas, sendo resolvido chamar aquela ao gabinete da direcção para prestar esclarecimentos.

Tratou-se também da crise que atravessa a classe tipográfica, sendo resolvida, entre outras coisas, convidar os desempregados, e bem assim os que não trabalham a semana completa, a inscreverem-se no gabinete do sindicato, até ao próximo dia 28, das 18,30 até às 20 horas.

Operários alfaiates. — Reuniu ontem a comissão escolar que constata o ter já completa a inscrição do 1.º turno da aula de corte e resolveu tornar público que o preço da matrícula é de 75\$00, pagáveis em 11 prestações, a primeira das quais é de 25\$00.

A inscrição encerra-se no dia 4 de Setembro.

Operários alfaiates. — Reuniu ontem a comissão escolar que constata o ter já completa a inscrição do 1.º turno da aula de corte e resolveu tornar público que o preço da matrícula é de 75\$00, pagáveis em 11 prestações, a primeira das quais é de 25\$00.

A inscrição encerra-se no dia 4 de Setembro.

Classes que reclamam

Sindicato Ferroviário da C. P.

A comissão de melhoramentos eleita em assembleia de 9 do corrente, tentou ontem, pela segunda vez, avistar-se com o director geral da Companhia, a fim de lhe entregar a exposição aprovada na mesma assembleia para melhoria de vencimentos da classe e outras regalias de carácter moral.

O director, como da primeira vez, só recebeu um componente da comissão, que se apresentou no maior número, dizendo terminantemente que não recebia nada nem tratava com delegado algum do Sindicato, que assim lho tinha recomendado o Conselho de Administração.

Com esta resposta se retirou a comissão que vai novamente reunir, a fim de apreciar ponderadamente o assunto.

Aos assinantes da BATALHA

Brinde

O depósito geral de lanifícios de F. Ribeiro & C.º Irmaos faz descontos especiais, vendendo pelos mais limitados preços. Fornecedores das Cooperativas do Bnco Nacional, Ultramarino e das dos Estabelecimentos Fabris do Ministério da Guerra.

Seção de alfaiataria

PEÇAM AMOSTRAS

R. DOS FANQUEIROS, 267.1.º e 2.º. Não tem loja

Pré-pesos por questões sociais

Comissão Central

Para assuntos urgentes que se prendem com o auxílio a prestar aos camaradas presos, reúne hoje, pelas 21 horas, esta comissão, com a presença de todos os delegados.

CONVOCAÇÕES

Federação da Tanoaria. — Para continuação dos trabalhos em trânsito pró-abolição do trabalho por empreitada e estabelecimento do horário de trabalho para os trabalhadores de armazéns de vinhos, reúne amanhã, pelas 10 horas, o conselho federal, juntamente com as direcções dos sindicatos.

S. U. C. C. — Seção dos Pintores. — Em reunião da comissão administrativa foi resolvido convocar uma assembleia geral para a próxima terça-feira.

(Conselho de seções). — São convidados todos os delegados a este conselho a reunir na próxima segunda-feira, pelas 21 horas, em conjunto com a comissão de aumento de salário.

Seção profissional de pedreiros. — Convidam-se todos os camaradas pedreiros inscritos e sem trabalho a comparecerem hoje pelas 15 horas para efeito de colocação.

Manufactureiros de Calçado. — A comissão organizadora do benefício a favor dos camaradas doentes, reúne hoje, pelas 21 horas, devendo comparecer o camarada Moedas ou alguém de família para tratar de um assunto que lhe diz respeito.

Carpinteiros de Longo Curso. — Reúne hoje em segunda convocação a assembleia geral, pelas 20 horas, para apreciar um ofício do Sindicato dos Carpinteiros mais, devendo comparecer todos os associados e os que faltarem consideram-se eliminados deste Sindicato.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Comité Federal Metalúrgico do Norte. — Reuniu na passada sexta-feira este Corpo Federativo, para apreciar e resolver sobre o expediente enviado ao mesmo por alguns sindicatos da sua zona, bem como para resolver sobre a nomeação dum camarada para substituição do secretário administrativo, António Rodrigues dos Santos, que teve de ausentar-se desta cidade, e ainda para apreciar e resolver sobre o pedido de suspensão requerida pelo tesoureiro Filinto Ilísio de Almeida.

Sobre o expediente, consta um ofício do Sindicato Metalúrgico de Coimbra, o qual pede o envio dum delegado junto dos metalúrgicos daquela cidade, atendendo ao estado em que se encontra aquele sindicato.

Outro do sindicato de Braga pedindo um delegado para duas reuniões que aquele organismo pretende realizar nos dias 21 e 22, e outro do Sindicato de Viana do Castelo para uma reunião no dia 24.

Para Coimbra foi resolvido ir Saul de Sousa; Braga, Joaquim Mendes Gomes, e Viana, Mário de Carvalho.

Para custear as despesas a fazer com estas delegações, foi resolvido contrair um empréstimo com o Sindicato Metalúrgico do Porto, até lhe ser enviada a respectiva percentagem da Federação.

Para substituição de Rodrigues dos Santos, foi nomeado José Correia, resolvendo sobre o pedido de suspensão de Filinto, aguardar que o mesmo reconsiderasse na sua atitude que não tem justificação possível, e volte a ocupar o seu cargo.

Sobre o pedido de auxílio deste Comité feito por um camarada de Vieira de Leiria, foi resolvido auxiliar esse camarada com 5\$00 para o que foi contratado empréstimo com o Sindicato do Porto, sendo a já resolvido fazer constar não só ao Sindicato de Vieira de Leiria mas sim a todos os Sindicatos Metalúrgicos do país, de que para o futuro, quando qualquer dos seus sindicatos tenha que se ausentar das respectivas localidades, devem os mesmos virem munidos com a respectiva credencial que comprove o seu direito à solidariedade.

Para recompor o Comité foi resolvido convidar mais dois camaradas, bem como resolveu que as suas reuniões se efectuassem às quartas-feiras.

Toda a correspondência a enviar a este Comité, deve ser dirigida ao seu secretário, Saul de Sousa, Rua da Bateria, n.º 17, Porto.

O pessoal da Carris

ante as imorais pretensões da Companhia — A opinião da U. S. O. sobre o assunto

A União dos Sindicatos Operários na sua reunião de ontem aprovou por unanimidade a seguinte moção:

«Considerando que o pessoal da Carris de Ferro de Lisboa apresentou à respectiva companhia uma reclamação de aumento de salário;

Considerando que a Companhia há de necessariamente aproveitar-se disso para conseguir o aumento de tarifas que agora lhe foi impedido;

Considerando que não é justo que por um simples contrato entre a Câmara Municipal e a Companhia Carris esta se sinta no direito de aumentar as tarifas periodicamente de três em três meses e ainda mais porque não está assegurado ao pessoal um proporcional aumento de salários;

Considerando que a Companhia, apesar do seu pessoal ter reclamado 10\$00 diários para cada empregado, só respondeu à reclamação depois de saber que a Câmara não autorizava o aumento de tarifas, oferecendo então 20% com a declaração de que lhes retirava a Câmara impedisse a dita elevação, isto com o fim de irritar o pessoal levando-o à greve de que a companhia tiraria o maior proveito.

Considerando que o pessoal tem a máxima conveniência em reverter as suas reclamações de um carácter moral que o torne digno da consideração geral e da solidariedade operária, evitando, por esse motivo, que a Companhia se possa aproveitar das suas reclamações ou fundamentar-se nelas para prejudicar o público com os aumentos de preço das carreiras;

Considerando, porém, que aquele não pode deixar de reclamar melhoria de situação económica ou moral porque isso seria condenar-se a uma situação insuportável que ninguém pode ou deve desejar;»

Considerando finalmente que a U. S. O. cumpre defender os interesses gerais do proletariado e manter o controle e equilíbrio entre as classes de modo que os interesses especiais de qualquer não importem prejuízo às demais e atendendo ao princípio da responsabilidade e solidariedade na luta operária resolve:

1.º Manifestar à classe do pessoal da Carris que deve fazer o seu movimento (seja necessário a greve para conseguir o aumento) de maneira a não prejudicar de modo algum o público.

2.º Preparar imediatamente entre todo o proletariado organizado uma efectiva assistência moral e material àquela classe caso aceite o enunciado na primeira conclusão.

3.º Convidar o pessoal a entender-se com a U. S. O. para esse efeito e sobre a forma de preparar o movimento.

4.º Reclamar da Câmara Municipal e do governo a mobilização dos carros eléctricos caso a Companhia os recolha.

5.º Fazer sentir àquela a conveniência de revogar o contrato celebrado, não permitindo agora o aumento de tarifas; e se a companhia alegar impossibilidade de conceder o aumento ao pessoal a câmara procurará estabelecer exclusivamente para aquele uma melhoria obtida pela forma que seja mais viável, mobilizando, em último caso, os carros com todo o pessoal que trabalhará sob a direcção da câmara e com o aumento pedido.

Coimbra. — A. Freitas. — Segue carta com recibos.

Montemor-o-Novo. — Ass. Rural. — Recebemos vale de 35\$00, será publicado na devida altura.

Faro. — U. S. O. — Ficou pago até Junho 92. — D. Legação Ferroviária. — Idem, idem 31 de Maio. A que se será publicada.

Mespece a pena ir toda a gente ver a scena do descarrilamento e a explosão do

COMBOIO N.º 6

peça que está fazendo grande sucesso no

TEATRO APOLO

SOCIEDADES DE RECREIO

Concentração Musical Imparcial Sport. — Realiza hoje, amanhã e sexta-feira festas comemorativas do 10.º aniversário da sua fundação.

Hoje sobem à scena a comédia em 1 acto «Malditas letras» e as operetas em 1 acto «Amores de coronel» e «O Botão na rua», seguindo-se baile.

Amanhã, às 8 horas, alvorada; às 12, distribuição dum budo a 50 pobres, para o qual recebemos duas senhas que agradecemos; às 14 horas, sessão solene; às 18, concerto musical, seguindo-se baile.

Segunda-feira, às 21 horas, baile.

Concentração Musical 24 de Agosto. — Realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma festa promovida pela comissão «Pró-24», subindo à scena o drama em 4 actos «A filha do salimbanco», desempenhado pelo Grupo Dramático Mariana Mendes, seguindo-se baile até de madrugada, abrandado por um grupo da banda.

Amanhã, comemorando o dia 24 de Agosto, às 21 horas, saraus a francesa.

Sociedade Filarmónica dos Calceiros Municipais. — Reúne hoje a assembleia, pelas 21 horas, para leitura da tese aprovada pelos delegados ao Congresso das Sociedades de Recreio e discussão de outros assuntos.

Agremiações várias

Grémio Excursionista Civil do Monte. — Realiza amanhã uma excursão, por caminho de ferro, a Vila Franca de Xira.

Realizar-se há naquela vila uma sessão de propaganda anti-clerical presidida pelo sr. Agostinho Fortes, havendo no final um picnic.

A MULHER DE LUTO

(EM VERSO)

por GOMES LEAL

2.ª edição ilustrada

Preço 20\$00, pelo correio regista do 22\$

Administração de A. Batalha

DESPORTOS

Ibérico Atlético Club

Realiza hoje, pelas 21 horas, no Grémio Beirão, a sua festa com a comédia em 3 actos «Jogo da Rosa».

Amanhã, domingo, pelas 13,30, eliminatórias de 200 metros no seu campo de jogos, no Avenida Parque, seguindo-se desfilas de futebol, com os seus times infantis, e às 16 horas, a sua 3.ª categoria contra o Sporting Club Piedense.

Às 21 horas, concerto e iluminação, na sua sede, tomando parte a tuna da Sociedade Francisco Gomes Lopes. Na 2.ª feira, concerto e iluminação, também na sua sede, com o concurso da Orquestra Rosa.

EDEN TEATRO — Empresa Otelo de Carvalho — Telef. N. 3800 — Hoje, às 9,34 da noite — Recita extraordinária — A notável e festiva e festiva Companhia Russa Sascha Morgowa sob a direcção musical do ilustre maestro prof. C. N. Doorlay (Chicago) — A melhor no género que tem vindo a Portugal — Bailados e cantos internacionais e «poses» plásticas (Tableaux vivants) executadas por formosas e esculturais artistas russas, francesas, belgas e austríacas — Novo e sensacional programa — Grande aparato scenico — Luxuosíssimos scenarios e guarda-roupa — Maravilhosos efeitos de luz — Completa este surpreendente espectáculo a graciosa revista «Vida Alirada», e, apesar dos seus enormes encargos os preços não são aumentados — O programa deste surpreendente espectáculo, completamente novo, será distribuído gratuitamente, à entrada do teatro — Amanhã: Domingo às 3 da tarde «matinée» única dedicada às crianças e suas famílias — Programa novo, especialmente, sendo cômico todo o espectáculo, exclusivamente, desenhado pela Companhia Sascha Morgowa — Bilhetes já à venda — A Companhia Russa termina os seus espectáculos na próxima segunda feira.

A organização Metalúrgica ante a actual crise de trabalho

Derivada da péssima situação financeira em que o país se debate, resultante da ganancia capitalista e da incúria, desleixo e incompetência das individualidades que ultimamente se têm revelado nas cadeiras do poder, que, pensando apenas na política de clientelas, não acataram nem desenvolveram o fomento industrial e agrícola, já de há muito diversas indústrias se veem ressendo desde estado calamitoso, paralisando algumas e outras reduzindo a sua laboração, criando assim dificuldades aos trabalhadores que se veem em serios embaraços ante a pavorosa e cada vez mais crescente carestia da vida.

Cabe agora a vez à indústria metalúrgica, que actualmente está atravessando uma grave crise de trabalho, crise essa que se prolongará e agravará se providências imediatas não se puderem em prática a fim de se evitar que muito brevemente algumas dezenas de milhares de operários sejam lançados à miséria que terá por epílogo a sua revolta contra este estado de coisas de que são culpados os homens da República e as suas clientelas.

Não podia, pois, a organização metalúrgica local assistir indiferente a uma tal situação, por isso que é o organismo a quem cabe o dever de velar pela defesa dos interesses económicos da classe que representa e assim o Sindicato Único Metalúrgico de Lisboa promove para a próxima segunda-feira, 25 do corrente, às 20,30 horas, uma reunião em conjunto das suas comissões de melhoramentos, administrativa e mais corpos gerentes e bem assim dos delegados à Federação Metalúrgica, U. S. O., e representantes das seções de Beim, Alto do Pinar e Poço do Bispo, a fim de se tomarem resoluções sobre os seguintes assuntos:

NO BARREIRO

O comício de protesto CONTRA OS IMPOSTOS LANÇADOS PELA CAMARA

teve uma assistência superior a 3.000 pessoas

BARREIRO, 21-C.—Conforme a Batalha resumidamente noticiou, efectuou-se ontem, pelas 18 horas um comício para protestar contra os impostos que a câmara lançou sobre todos os artigos que entrem neste concelho.

O comício foi levado a efeito pela organização operária.

O comício, que se encontrava fechado, dava um aspecto interessante à villa.

O comício estava autorizado pelo sr. Joaquim Vicente França, delegado do governo neste concelho, mas o sr. José de Almeida Morato, ilustre presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal, aproveitando o facto do delegado do governo se encontrar fora, por momentos, ludibriando o governador civil tomou a Administração do Concelho de assalto, e intitulando-se delegado do governo, mandou afixar editais proibindo o comício e deu ordens ao comando da Guarda Nacional Republicana para proibir a força. Ora se o sr. presidente da câmara fosse um homem de tacto, não se aproveitaria abusivamente de um caso fortuito para proibir um comício que tinha por fim protestar contra a Câmara de que é presidente.

Apesar de uma comissão se avistar com o dito senhor quasi três horas antes, não conseguiu movê-lo de tão estranha e anti-democrática atitude, mas o que aquele senhor não esperava era que o verdadeiro delegado do governo viesse à hora do comício e este se realizasse.

Aberto o comício, presidido por Gregório Matoso, secretário por Leopoldo Calapez e Bernardino Augusto Xavier, é dada a palavra a Alvaro Rosa, da Construção Civil, que diz que apesar de se dar a coincidência de o comício fechar neste dia de tarde, não há, nem de perto nem de longe, qualquer ligação dos promotores do comício com o comício, pois que o comício foi promovido pela organização operária e esta tem os campos bem extremados, pois que o comício, se não é o principal culpado da situação que se atravessa, pelo menos é um dos maiores culpados.

Faz esta declaração para evitar confusões, e cita a seguir o aumento que vários materiais da indústria a que pertence vão sofrer devido aos impostos da câmara, pois que os fornecedores, com a sua costumeira ambição, não se limitam a aumentar apenas as importâncias dos impostos, como de resto o comércio há de aumentar muito mais indo esses aumentos dificultar as construções e portanto agravar o problema da habitação.

Segue-se Alvaro Serra, pelos revolucionários, que largamente critica os actos da câmara, como os actos de desobediência, terminando por aconselhar o povo a preparar-se para tomar conta dos seus destinos, estarão sempre dispostos a dar a vida pela liberdade.

Adriano Pimenta, da acção da câmara e cita vários factos que demonstram qual tem sido a administração daqueles senhores. Cita mais o facto de haver uma biblioteca municipal que é do povo e que se encontra fechada, só servindo para alguns apunhados, pois que, os sr. da Câmara têm receio que o povo vá frequentar a biblioteca onde se irá instruir e mais breve poderia correr com todos os perigos.

António José Piloto diz falar sob sua responsabilidade individual. Faz um pequeno reparo sobre o conflito havido entre o delegado do governo e o presidente da Câmara.

Afirma com energia que a culpa dos erros da Câmara, já apontados por outros oradores, são da responsabilidade do povo, especialmente de muitos operários que, fazendo o papel de políticos de meia tigela, não têm peço de irem às urnas lançar o célebre papelinho, lavrando assim a sua própria condenação.

É certo que o comércio com raríssimas excepções, não fará a nós, povo, pagar bem cá o os impostos, apesar que sem agravamento dos mesmos, o preço dos generos essenciais à vida sobe sempre assustadoramente.

Melhor seria que apenas fossem tributados os objectos de luxo, o alcool, o tabaco e outros artigos identicos, especialmente que os grandes potentados do comércio e da industria pagassem aquilo que devem ao Estado.

Aconselha os trabalhadores a organizarem-se fortemente, de especie alguma, fazerem face a todos os desmandos e tirarem a vida de onde partirem, venham de onde vierem.

Termina as suas considerações lembrando às classes médias, que igualmente muito sofrem, o dever de apoiar moralmente os trabalhadores nos seus movimentos em prol do bem estar comum.

Arnaldo Valverde, pelos corticeiros, declara vir ali a lavar o seu vemente protesto contra os atropellos da Câmara, contra os políticos que servem de capa aos ladrões e bem assim aconselhar o povo consumidor a unir-se na defesa dos seus interesses.

José Maria Trindade, pela Comuna Karl Marx, ataca a acção da Câmara, que diz ser nefasta, afirmando mais que enquanto os trabalhadores não tomarem conta dos organismos de gerência politica e económica, serão sempre os eternos escravizados.

Francisco Fernandes, corticeiro, num energico discurso, afirma ser preciso por todas as formas até as mais violentas, pôr termo às manigancas dos altos potentados que de parceria com os politicos tem criminosamente levado o país à ruína.

José Pratas, corticeiro, declara que o presidente da Câmara praticou um abuso pretendendo impedir a realização do comício, certamente com o recio de que fossem ditas verdades amargas que atingissem a péssima administração do município.

Lamenta que até aquela altura qualquer camarista ou comerciante não tivesse podido a palavra para apresen-

tarem os seus pontos de vista, provando-se assim que os trabalhadores só podem contar com o seu próprio esforço.

Joaquim Figueiredo começa por dizer que para ele o comício tem dois significados: o primeiro é a indisciplina da autoridade exercida por uma criatura sem moral nem vergonha, que tem sido um verdadeiro carasco para os ferroviários, esquecendo-se que a mesma classe pertence; o segundo, a moral do povo, que se levanta contra os impostos que são lançados sobre alguns generos essenciais à vida.

Lamenta que o comandante da G. N. R. tivesse mandado retirar a força, pois teria muito prazer em fazer as afirmações na presença dos seus irmãos fardados para se irem habituando a reconhecer a justiça e a razão que assiste ao povo a que lhes pertencem também.

Faz uma larga demonstração da injustiça do imposto, diz não confiar na honestidade da maioria dos comerciantes e aconselha o povo a estar desobediente, para evitar uma nova sangria à sua magra bolsa.

No final do comício foram enviados para a mesa vários documentos, que foram aprovados por aclamação e que a seguir publicamos:

«Considerando que a Câmara do Barreiro acaba de lançar um imposto sobre tudo que é indispensável à vida;

Considerando que da parte da referida Câmara não assiste o direito de se apoderar da Administração do povo do Barreiro, visto representar uma afronta individualista;

Considerando que só ao povo compete defender os seus interesses, e por isso não o delegar a outrem, pois que o delegar representa uma abdicção que através da história lhe tem custado inúmeros sacrificios;

Os escritórios, o balcão, foram invadidos pelo elemento feminino que tomou gosto por aquela vida. Libertar-se da complexa vida da casa, quando ela tomou o aspecto absorvente que hoje a caracteriza, «de governar sem pão», tornou-se o ideal da mulher; mas ao fugir do lar, onde ela só se conserva o tempo necessário ao repouso, tempo que nem sempre atinge a suficiência, outras necessidades lhe surgiram.

A dactilografia, a caixa ou a caixeira, a escrituraria e até a ajudante de guarda-livros — porque a mulher nunca reivindicação justa atingiu os mais altos lugares, e nêles tem demonstrado perfeita adaptação e competência — sente o dever de andar bem posta e o patrão nega-se a pagar-lhe o suficiente.

O comerciante, o industrial ao dar ingresso à mulher no escritório e no balcão, fizeram-na para baratear o trabalho. O homem custava-lhe mais; e para o arquivar, para a máquina de escrever, trabalho simples, quasi material, bastava-lhe a mulher. Mas veio a guerra que mudou a face de tudo, e a mulher, que até ali ganhava para «os seus alfinetes» começou a sentir que era preciso ganhar para ajudar o pai, o irmão, cujos ordenados já não chegavam para a despesa da casa porque a vida encareceu.

Toda a gente o sente; e o patrão não aumenta porque se grandes são os lucros, fantásticos até, ele se entregou num não menos fantástica voragem de gastos. Aos que gastam 30, 40 e mais contos por mês, sustentando amantes caros, garages de luxo, automóveis, cavalos; renunciar a isso seria a ruína moral, quando da ruína financeira só se salvarão por habilidade.

Outros já se estatelaram silenciosamente, e daí o decrescimento da lufala dos negócios e o despedimento que dá esse numeroso desemprego que já se nota e bate a todas as portas onde sonha que é preciso um empregado. E é então que a miséria dáns vai produzir a do resto da classe.

O desempregado parte do principio — já farto de fome — que «mais vale pouco do que nenhum», e aceita tudo quanto lhe oferecem, prejudicando os que ainda se conservam empregados.

Que resulta disso? — Mortos de fome uns; outros acusados de roubar e a mulher resolve o problema, na sua quasi generalidade, prostituindo-se pública ou particularmente.

Mas isto pode continuar assim? — A A. C. dos Empregados de Escritório julga que não; e como está procurando um remédio para aplicar às causas desse mal agredido todos os alvitre que possam sugerir aqueles que ainda têm coração.

Associação de Socorros Mútuos Adriano Cavalheiro

Sede—LARGO DA GRAÇA, 68, 1.^o

AVISO

Convoca a reunião da assembleia geral, para o dia 27 de Agosto, pelas 21 horas, a fim de se deliberar sobre a execução do decreto n.º 9038 de 6 de Agosto de 1923, (aumento da coita social).

Não reunindo o número legal de sócios, fica desde já feita a nova convocação para o dia 5 de Setembro, com a mesma ordem da noite, hora e local, resolvendo então com qualquer número de sócios presentes. — Lisboa, 18 de Agosto de 1924. — O presidente João Ribeiro da Costa.

Considerando que o povo não pode por mais tempo estar à mercê de políticos sem escrúpulos, devendo agir por todas as formas para que termine uma vez a exploração ignobil dos que falsamente se dizem defensores do mesmo povo;

Considerando finalmente que os actuais impostos veem mais uma vez agravar a sua situação, que já é desesperada;

O povo do Barreiro, reunido em comício público, resolve:

1.º—Não pagar nem directa nem indirectamente os actuais impostos exigidos pela Câmara;

2.º—Caso a isso seja forçado, irá até à paralisação do trabalho em todos os ramos de actividade deste Concelho. Esta moção tem o seguinte aditamento:

«Dado o caso de não serem retirados os impostos que acabam de ser lançados sobre todos os generos, o povo do Barreiro, reunido em comício público, retira o apoio à Comissão Executiva da Câmara Municipal.»

«Em vista de ser necessário dar conhecimento à Comissão Executiva da Câmara Municipal do Concelho do Barreiro das resoluções deste comício, e já haver alguns comerciantes que aumentam vários generos a pretexto dos aumentos dos impostos, proponho:

Que seja nomeada uma comissão que vá junto da Câmara dar conhecimento das resoluções deste comício;

Que se force o Comércio a retirar os aumentos já feitos sem motivo justificativo.»

A assistência, que era superior a três mil pessoas, debandou na melhor ordem as suas vivas à Organização operária e ao povo consumidor, não se tendo produzido qualquer incidente desagradável.

Resta agora que o povo se não deixe adormecer...

As perseguições continuas a que estão sujeitos, por parte das autoridades desta República, os trabalhadores que desprezando todas as comodidades não hesitam em manifestar por todos os meios a sua revolta perante esta sociedade exploradora, fazem com que por vezes estejam repletos de operários as várias masmorras que por ali existem.

Há pouco tempo ainda saíram da Trafaria as últimas vítimas da mais recente perseguição. Enqueto durou a sua clausura não os esqueceu o proletariado prestando-lhe o seu auxilio moral e material.

Porém é necessário que todos os proletários se não esqueçam que nas cadeias do Limoeiro e Monsanto se encontram há anos encarcerados algumas dezenas de proletários que devido ao seu longo cativeiro passam todas as espécies de privações.

É necessário que todos se lembrem que, se esses proletários se encontram privados da liberdade, é em virtude de afirmarem com risco da própria vida que os eslorados também têm direito à viver. Que todos os trabalhadores os auxiliem materialmente e assim afirmem a sua consciência.

Pró-Daniel Severino

Reuniu a comissão promotora da festa de solidariedade a este camarada, tendo definitivamente resolvido que a festa se realize no Cine-Esperança, com a colaboração do grupo dramático Manuel Guerra e conhecidos cultivadores da canção nacional.

Resolveu officiar a troupe dramática «Os bichinhos» pedindo-lhe a sua colaboração neste acto de solidariedade.

Em breve será publicado o programa e enviados bilhetes a vários organismos operários, estando a comissão esperancada de que estes a auxiliem na sua missão de solidariedade a Daniel Severino.

A comissão reúne amanhã, às 15 horas, no edificio da C. G. T.

LIVRARIA RENASCENÇA

Obras literárias, scientificas, profissionais e artisticas de autores portugueses e estrangeiros.

Trabalhos tipograficos, carimbos e livros de escrituração, mapas de escrituração, mapas de decoreta de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunas, Juventudes, etc.

Grande sortimento em material escolar, artigos de papelaria e escritório, sempre aos preços mais baixos do mercado.

A grandiosa obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRÁVEIS», ilustrada por assumpturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando 500 de porte o embalgem para a proximidade.

Sempre novos artigos e novidades literarias.

Joaquim Cardoso

Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29

LISBOA

Novela «Moderna»

Com este suggestivo titulo vai começar a publicar-se brevemente uma série de novelas curtas dos nossos melhores escritores, entre elles, Aquilino Ribeiro, Severo Portela, D. Ana de Castro Osorio, Ferreira de Castro, Mário Domingos, Eduardo Frias, Artur Portela, Correia da Costa, António de Cértima, Carlos Parreira, António Ferro e Oliveira G. Martins.

Esta coleção que é dirigida pelo moço escritor António de Cértima, apresenta-se há com uma feição absolutamente moderna, quer no seu aspecto gráfico, quer nos assuntos literarios que versa sobre as grandes questões modernas de paixões aborrecidas, de lutas sociais, morais, etc.

TEATROS & CINEMAS

Noticias

Causou vivo alvoroço entre as famílias que têm crianças e querem proporcionar-lhes um atraente divertimento, a noticia da Companhia Russa Sascha Morgowa realizar amanhã às 15 horas, no Eden Teatro, uma «matinée» única. O programa que se organizou para tal fim, é especialmente composto de numerosos cómicos, e será exclusivamente despenhado por toda a Companhia Russa, que não dará outra «matinée» visto sair de Lisboa na próxima semana.

Reclames

Continuam sendo irresistivelmente atraentes os espectáculos que está dando no Eden Teatro a notável Companhia Russa Sascha Morgowa. Os seus programas são sempre variadissimos e do mais elevado cunho artistico, não só no que se refere aos bailados e canções, mas também, o que se refere aos quadros plasticos, que são uma verdadeira maravilha, executados pelas raparigas da «troupe» que são formosissimas.

A Companhia Russa dá hoje o seu antepenultimo espectáculo, visto sair de Lisboa na próxima terça feira, a fim de cumprir varios contractos com data fixada e que não podem ser adiados.

— Quem quer passar uma noite divertidissima, não tem que hesitar: vai a uma ou as duas sessões da famosa revista «Rêves», no Maria Vitória, do Avenida Parque, e consegue imediatamente o que pretende.

— A famosa peça historica «Maria Antonieta», em cujo entrecenho figuram alguns dos mais impressionantes episodios da Revolução Francesa, continua em pleno exito no Teatro São Luís, atrahindo ali enorme concorrencia e despertando o maior entusiasmo.

— Subiu ontem à scena no Nacional, em «reprise», com uma grande encheite, a notável peça «Amor de Perdição», que, como sempre, tem o condão de despertar a sensibilidade e o entusiasmo do publico. A representação decorreu no meio do maior interesse, tendo todos os interpretes merecido os mais vibrantes applausos do publico, nomeadamente Helena de Castro, Ilda Stichini, Maria Pia, Ribeiro Lopes, Samuel Diniz, Joaquim Prata, Alvaro de Almeida, João Calazans, que se encarregaram do desempenho dos principais papéis, dando à peça o máximo relevo. «Amor de Perdição» repete-se hoje à amanhã.

— Os distintos artistas Henrique de Albuquerque e Valério de Rájanto que, respectivamente, desempenham os papéis do capitão de mar e guerra Conde de Meriel e do guarda-marinha Armando de Meriel na admirável peça cinematografica «O comboio n.º 6», em scena no teatro Apolo, são aplaudidos todos as noites merecendo o seu impecavel trabalho. «O comboio n.º 6» continua a ser a peça mais interessante da actualidade e a que mais concorrencia tem chamado ao elegante teatro.

CARPINTEIRO DE CARROÇAS

Precisa-se — Rua Neves Costa, 64 — Carnide.

Lisboa na rua

Rendimento dos operários

A enfermaria de Santo António do hospital de São José, recolheram Francisco Arrigues, de 27 anos, chocolateiro na avenida Conde de Avintes, 28.

1.º, que, na fabrica de Bolacha e Chocolate «Favorita Limitada», no bairro Lamosa, foi colhido pela corveia de um volante, ficando com a perna direita fracturada, e Manuel Amândio, de 44 anos, natural de Santa Cruz e residente em Beja, trabalhador que ali caiu de um cavalete, fracturando o braço direito.

Com uma facada no ventre

Na sala de Observações do Banco do hospital de São José, deu entrada José Félix, de 23 anos, jornaleiro, natural e residente em São Quintino, Sobral de Monte Agraço, que ali, ao apertar uma desordem entre trabalhadores, foi ferido com uma facada no ventre.

A FESTA DO FADO

Constituiu-se uma comissão de Amigos do Fado que estão organizando um grandioso espectáculo de Arte Popular, que se deve realizar num dos nossos principais theatros.

Entre os muitos atractivos que a comissão organizadora desta festa de carácter puramente popular, pretende levar a effecto, consta da representação da peça «O Fado» de Bento Mântua.

Para a mesma, está igualmente indicado o nome de um dos nossos melhores poetas, para uma das nossas melhores orquestras de guitarristas, dirigida por um conhecido guitarrista.

O acto da Canção Nacional será coadjuvado pelo coro directivo de «A Guitarrada de Portugal».

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98

Para as classes pobres

Clinica medica—Dr. Armando Narciso

—A's 4 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vi-

lar—4 horas.

Rins, vias urinarias—Dr. Miguel Maga-

lhães—10 horas.

Peite e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—

11 e 4 horas.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr.

R. Loffi—2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Ma-

gães—2 horas.

Doenças das crianças—Dr. Cordeiro

Ferreira—2 horas.

Gargaria, nariz e ouvidos—Dr. Mário

Oliveira—12 horas.

Tratamento da diabetes—Dr. Ernesto

Roma—5 horas.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—

10 horas.

Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—

4 horas.

Análises—D. Gabriela Beato—4 horas

A BATALHA

COIMBRA

UMA CAMARA MODELO

Começa-se a dizer do valor, trabalho e intelligência dos edis do nosso burgo

COIMBRA, 20. — Temos positivamente à frente dos destinos deste «burgo» meia dúzia de criaturas a quem falta a mais leve noção do valor, trabalho e intelligência.

Contudo, quando estes «senhores» tomaram assento na chamada Casa do Povo, alguns jornais, daqueles que costumam relembrar personalidades, disseram coisas mirabolantes que prometiam a felicidade... ao povo.

O seu presidente, o dr. sr. Mário de Almeida, era uma pessoa intelligentissima e tudo havia a esperar d'elle... dizia-se.

Nós, porém, que sabemos bem de quanto são capazes os burguesinhos marotos que disparam lugares de «governação» sorrisos ante a ingenuidade desses jornais e dissemos cá para os nossos bôzios: dêem tempo ao tempo.

E afinal não esperamos muito. As provas de trabalho e de intelligência desses «senhores» começaram logo a vê-las.

Há pouco foi o magno problema da falta de água e sua impureza. Hoje, são verdadeiros «favores» a amigos que se prestam unicamente em prejuizo do bom senso e dos interesses do povo que trabalha.

Mas não julgemos os «senhores» do burgo que vamos esgrimir a nossa pena sem termos um «dossier» completo das asneiras por elles praticadas. Não. Não julgemos!

O caso do barão da Sota, vereador que soube isentar dos seus interesses, ainda não esqueceu...

O casinhoto junto ao palácio Ameal ainda está de pé...

As obras na Travessa da rua Nova e o logradouro do Monte Arco estão ainda à vista...

A falta de água, os miqmos, as cações, a imundície saida pelas torneiras em perigo da saúde pública, tudo isso, que julgamos sem importância, nós ainda não esqueçemos...

Enfim, e um nunca mais acabar. Um perfeito sudário que os edis intelligentes...

PORTIMÃO, 21.—Não é a primeira vez que temos trazido a publico o estado de desorganização em que se encontram as varias classes de Portimão.

Por varias vezes temos pensado em nos referir a assunto tão importante, mas faltavam-nos dados para tal. O acaso deparou-nos um camarada metalúrgico, que aborramos e que nos presta alguns esclarecimentos.

E como levavamos em mente esta questão, desfechámos à queima-roupa a seguinte pergunta:

—Qual o estado de organização na sua classe?

—Por enquanto, não é muito satisfatório. A classe na sua maioria é composta por jovens, que muito de bom poderiam fazer com o seu auxilio e com a sua boa vontade que sempre impera em todos os rapazes novos, mas reconhecemos com desalento que esses jovens se entregam a todos os vícios, preocupando-se mais com o luxo e a vaidade, próprio do meio excessivamente mundano em que se vive, desprezando assim os interesses materiais e morais que a organização proporciona.

—Não tendo nada que erie uma mentalidade, uma formação de espirito capaz de abolir todos os preconceitos que a pútrida sociedade burguesa nesta terra se compraz em pôr em pratica.

—No que se entretêm, pois, esses jovens?

—Uma maioria discute futebol, que nós não contrariamos muito, pois essa discussão seja realmente de forma a dar ao futebol o seu verdadeiro sentido como sport de desenvolvimento fisico, que achamos bastante necessário, não fazendo dêsse sport uma exploração material como fisico, sport que só deveria ser praticado por operários sem ter no seu meio individuos da classe que os explora e prevancia a dentro dos clubes...

dem de ideas, expõem duma forma clara toda a engrenagem da organização operária e qual a sua missão desde o sindicato à Internacional dos Trabalhadores; expõe as percentagens em que é dividida a cota federal e quais os fins a que se destinam, e exprime-se em outros assuntos de ordem social, terminou por apelar para o ingresso no sindicato de todos os operários da localidade.

Por António Vitorino é consultada a assistência para resolver a importância da cota a estabelecer de futuro dados os novos encargos que a associação adquiriu, sendo resolvido estabelecer-se aos sócios o pagamento de 1500 por cada caderneta confederal e 500 pelo selo-cota semanal.

O camarada presidente agradece em nome do sindicato a comparencia dos delegados da Federação e depois de reforçar a exposição dos mesmos encerrando a sessão, a qual terminou no meio dum grande entusiasmo.

Dentes artificiais

Importação directa

Muito mais baratos, colocados e aptos a mastigação, sem despesa de extracção e consulta

BERNARDINO NUNES

Rua da Palma, 40, 1.^o

Ver o folhetim na 4.^a pagina

NA PROVINCIA E NOS ARREDORES

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE AGOSTO

Q.	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	HOJE O SOL
S.	1	8	15	22	29						Aparece às 5,52
S.	2	9	16	23	30						Desaparece às 19,20
D.	3	10	17	24	31						FASES DA LUNAR
S.	4	11	18	25							Q. C. dia 8 às 5,48
T.	5	12	19	26							L. C. M. 11 e 22
											L. N. M. 30 e 31

ESPECTACULOS

S. LUIS—A's 21,15—«Maria Antonieta».

